

Pesquisa FAPESP nº 2021/04556-0
ENTREVISTA COM A1
Cidade: Araraquara (São Paulo, Brasil)
Entrevistada: A1, 34 anos, administradora pública
Entrevistador: Rodrigo Sartori Bogo
Local de realização da entrevista: Sede da Coordenadoria de Participação Popular, escritório da entrevistada

TRANSCRIÇÃO

Entrevistador (Rodrigo)

- Acho que tá funcionando normal... Pela burocracia que envolve pesquisa científica e tal... tu fez pós-graduação?

Entrevistada (A1)

- Não fiz.

Entrevistador

- Ok, mas tu fez graduação e tal, tu sabe, né? Que tem toda a questão de ética envolvida, essa pesquisa passou no comitê de ética e tudo. Então eu preciso da tua parte só, enfim, que tu solicita [sic] autorização pra gravar, né? Fala seu nome...

A1

- Meu nome é A1, eu autorizo a gravação.

Entrevistador

- Perfeito.

A1

- Precisa de mais algum documento?

Entrevistador

- Não, nada além disso, tá tudo certo. Então só para te dar uma explicada, uma introdução da pesquisa, queria agradecer tua disponibilidade de conversar comigo, toda a ajuda que você tá dando pra pesquisa e tal, e também deixar claro que, assim, a minha pesquisa ela é sobre os impactos territoriais de orçamentos participativos em cidades médias, por isso Araraquara é um dos estudos de casos. Além de ser um caso que o OP é conhecido nacionalmente, especialmente agora, que é um dos poucos OPs com o desenho mais clássico de Porto Alegre, são poucos que sobram no Brasil que tem esse desenho. Ele fica numa cidade média, né? Então normalmente os OPs são pesquisados, os mais estudados são as grandes cidades... é Porto Alegre, Fortaleza, BH [Belo Horizonte], Teresina, as grandes cidades que tiveram orçamento participativo, mas o OP está por todo no Brasil, esteve por todo, e é interessante ver também como que ele se dá em cidades de menor porte do que só nas metrópoles, nas capitais.

A1

- Sim.

Entrevistador

- E a minha pesquisa faz parte de um projeto maior, que envolve 8 universidades, que a gente chama de fragmentação socioespacial e urbanização brasileira. É uma pesquisa ampla que a gente está investigando as transformações que ocorreram nas cidades brasileiras, especialmente nas últimas duas décadas com, enfim, conjuntos habitacionais, Minha Casa, Minha Vida, com condomínios fechados e com novas práticas de morar, e viver, e habitar, etc. E o OP se insere nesse contexto enquanto um instrumento, né, no ponto de vista da gestão, que é diretamente associado com a urbanização, né? Com o espaço urbano, com as obras que fazem o espaço urbano, então por isso que eu estou estudando o OP nesse contexto, só para deixar claro para ti a ideia. Então, para começar a entrevista, eu gostaria que tu falasses um pouco sobre a tua trajetória profissional, acadêmica e profissional, como tu chegou no orçamento participativo, como tem sido a tua experiência no cargo, enfim.

A1

- Eu fiz administração pública na UNESP, sempre fui muito ativa em questões sociais e em centro acadêmico, etc. E tive uma trajetória profissional bem biruta, assim, eu trabalhei em banco, cooperativa, inclusive na parte social das cooperativas de bancários, que as pessoas não sabem que são cooperativas, entendem como banco... e trabalhei na saúde, numa clínica de consultas médicas a preço popular durante a pandemia, que também foi uma experiência que me colocou muito à prova, por toda a questão da cidade. E depois acabei conhecendo o Edinho [Silva], o prefeito, e ele acabou me trazendo a princípio para a secretaria de governo, porque a gente precisava fazer um mapeamento de todas as políticas públicas do governo para cá [Secretaria de Participação Popular]. E aí a gente fez todo esse levantamento, acabei entrando em contato com todas as secretarias...

Entrevistador

- Quando foi isso, desculpa?

A1

- Foi em março do ano passado que eu cheguei, março de 2023. E eu fiquei lá durante seis meses, aí por uma reestruturação do próprio governo, o coordenador de participação popular, que foi quem fez o OP no ano passado, o Renato, que eu acho que você deve ter falado com ele, né?

Entrevistador

- Sim, sim.

A1

- O Renato virou chefe de gabinete e eu vim para cá. Muito também acho que pelo contato que eu tinha com as outras políticas, porque o OP... a participação popular, na verdade, ela é muito transversal, em tudo, chegam demandas aqui das mais diversas demandas [sic]. Então a gente precisa... quando a gente sabe pra quem encaminhar, o caminho fica bem mais curto, né, então foi construído dessa maneira. Eu

cheguei aqui em setembro do ano passado e a gente já teve algumas conversas também sobre não ter o OP esse ano, porque a gente precisava dessa avaliação do processo...

[Interrupção da entrevista]

- Precisava ter um processo de avaliação, porque a gente tinha o OP desde 2001, foi implantado pelo Edinho. De 2001 a 2008 ele governou, depois de 2009 a 2016, foi outro partido, que tinha o OP, mas era num formato totalmente diferente do que a gente tem hoje, tinha alguns limites orçamentários, era meio distribuído de acordo com a população, o local, então tinha algumas outras questões. Aí quando a gente volta em 2016 para o governo Edinho novamente, ele volta para o OP mais ou menos na mesma estrutura que era antes, que não tinha limite orçamentário e tudo mais. A gente entende que tudo tem prós e tudo tem contras, né, e [é] a própria evolução do processo. Então, quando eu chego eu me volto muito mais na questão de participação popular, que a gente fez muitas conferências, que pela própria ótica da troca de governo federal... muitas conferências são as chamadas nacionais, né, que se tornam estaduais e que se tornam municipais. E o governo anterior [Bolsonaro] não tinha tanto, não era tão apto essa questão de conferências de participação popular em geral. E aí com a chegada do novo governo federal, essas chamadas começam a voltar de uma forma mais visceral, né? Então ano passado tivemos algumas conferências, esse ano a gente teve a conferência do migrante, mas a ideia era o que? "A gente precisa limitar o OP." Limitar não, avaliar, sei lá se é a palavra correta.

Entrevistador

- Reavaliar.

A1

- Isso, reavaliar a lei do OP.

Entrevistador

- Vou aproveitar o parênteses da tua fala, então... tu sentes que há um contexto sócio-político favorável nacionalmente para o orçamento participativo, para a participação como um todo?

A1

- Eu entendo que sim. Eu entendo que em termos de participação popular, a gente tem revivido alguns conselhos que tinham... se sentiam menos... talvez "ah não tem conferência há mais tempo", tudo mais... ano passado a gente teve conferência de segurança alimentar, assistência [social], segurança pública, cultura, pessoas com deficiência, segurança pública eu já falei, enfim. A gente fez algumas conferências que começaram a se acumular um pouco mais, esse ano a participação popular é um chamado municipal, a gente teve uma sobre imigrantes também que foi muito legal, teve muita gente, Araraquara tem bastante imigrante, e bem articulados.

Entrevistador

- Imigrantes de outros países?

A1

- Isso, imigrantes de outros países. A gente tem um grupo que deve ter, sei lá, acho que pelo menos umas 200 pessoas devem ter. Foi uma conferência bem expressiva assim... que tem gente que pensa, "nossa, não deve ter tanto imigrantes, uma cidade do interior de São Paulo", mas é super estruturado essa ideia aqui em Araraquara. Depois a gente foi para a conferência de participação popular. A gente tem alguns chamados que a gente percebe que tem conferências chegando, é que tem alguns prazos que a gente tem que respeitar também por causa das leis eleitorais e tudo mais. Até a própria divulgação da conferência fica prejudicada, porque as redes sociais da prefeitura saem do ar, a gente não pode, enfim, levar uma filipeta com uma [incompreensível] da prefeitura, então é complicado. Então a gente... eu sei que para depois desse período eleitoral tem a conferência LGBT, tem algumas outras que já estão se movimentando... a gente fica feliz que fique mesmo, que se movimente, que a gente possa parar para discutir isso. Tem algumas ideias também legais, da conferência LGBT também ser uma conferência intermunicipal talvez, para a gente dar suporte a algumas outras questões, então o diálogo tem sido bom. Óbvio que nem todos os conselhos têm uma suuuper [sic] participação, seria uma grande hipocrisia, mentira minha dizer isso. E acho que muitos conselheiros delegam em causa própria às vezes, o que é muito ruim, mas acredito que a maioria ainda se interessa pelas pautas de forma genuína e vem aqui para saber de tudo... mesmo no COP, por exemplo, que é voltado mais para o OP. A gente tem os conselheiros de cada região, mas quando a gente mostra os projetos das outras regiões, você vê que eles se interessam, eles querem opinar de forma construtiva, vem um arquiteto aí mostrar, [faz] uma oficina aí e mostra o projeto... até porque temos muitas pessoas leigas, eu mesma fiz administração pública, não sou arquiteta. Então, ele mostra, o pessoal fala "ah, não tem uma cobertura desse lado?", então é legal ver a sociedade, mesmo que não seja da região, podendo opinar também. E nós enquanto equipe do OP, equipe de participação popular, a gente conversa muito com a população também sobre as obras, não só com os conselheiros do orçamento participativo. Tem que ter essa... digamos, essa gestão comunitária, porque as obras serão usadas pelas pessoas. Eu vou lá reformar uma escola, tem que ter uma participação assídua daquela escola, daquela comunidade... ainda que escola é um exemplo ruim, escola já é uma comunidade que já se automobiliza, mas vai fazer uma praça, quem vai viver aquela praça muito mais é a população parte daquela praça. Então a gente precisa criar esse diálogo, precisa criar esse pertencimento também, entender que o que é público é de todos, é de responsabilidade de todos, então tem todo esse trabalho também com as obras, não só do OP, mas como a maioria das obras é do OP, então já é um processo contínuo também para depois da obra.

Entrevistador

- Justo. Mas a tua função então não é exclusivamente de orçamento participativo?

A1

- Não, é coordenadoria de participação popular.

Entrevistador

- Justo. Aí o OP toma uma, digamos, uma fatia grande desse trabalho...

A1

- Toma.

Entrevistador

- Mas não é exclusivo.

A1

- Não. A gente cuida da casa dos conselhos, estão todos os conselhos municipais, agora a gente tem a eleição da casa dos conselhos, mas ela está na nossa coordenadoria. Então, a gente cuida de todas as conferências municipais. A gente direta e indiretamente está em todos os eventos da prefeitura também, que avisar a população, às vezes é um trabalho manual, tem principalmente pessoal de idade, tem mais dificuldade de ver publicações, internet e tal... e a gente também tem um programa chamado Prefeitura nos Bairros, que é super transversal, a gente leva todas as secretarias para um bairro, uma região específica. É mais ou menos dividido como as regiões do OP, só tem algumas mudanças, porque algumas regiões são muito grandes espacialmente. E para além de continuar, tipo, distante da pessoa, a gente faz zeladoria enquanto a gente está lá. Então se a pessoa quer que poda uma árvore na frente da casa dela, ela pode ir lá. Que nem hoje, a gente está na região 4. A próxima região também é da região 4, que a região 4 é grande. Região 4 é essa vermelha aqui [mostra no mapa], ela é espacialmente grande. Não tem tantas casas assim, porque tem a UNESP, etc. Tudo nessa região, assim, é muito estrada, mas acaba ficando longe para a pessoa e a zeladoria também às vezes não consegue acompanhar, as árvores às vezes continuam, mesmo não tendo casa. Então a gente leva o serviço da zeladoria, tapa buraco, poda de árvore, redimensionador de árvore, pinta faixa e tudo mais. E tem pessoas da assistência que atualizam o CAD único, tem pessoas que dão informação sobre escolhinha de esportes, oficinas culturais, dívida ativa...

Entrevistador

- Isso no Prefeitura nos Bairros?

A1

- Isso. E a gente que gere também, todas as secretarias estão envolvidas.

Entrevistador

- E aí esse programa, na tua avaliação como coordenadora da participação, a população não sente uma certa sobreposição com o OP, se confunde com o OP, ou tu achas que está bem claro onde tem as diferenças?

A1

- Não, está bem claro, porque a gente não traz tipo de propostas de obras ou programas, só que auxilia o OP.

Entrevistador

- Entendi.

A1

- Porque a gente está sempre passando por essas regiões, entendeu? Atendendo, indo lá conversar, então faz a abertura do Prefeitura nos Bairros e vai todo secretariado para lá. Aí num domingo, enquanto a gente está lá, a gente faz um programa chamada "Rua de Lazer", que é parceria com [secretaria de] esporte... leva brinquedos para as crianças, enfim, principalmente quando são bairros mais periféricos, daí é muito sucesso, porque não tem acesso. É piscina de bolinha, cama elástica, a gente leva uma oficina cultural também, então às vezes há a moça que faz aula de tranças nas meninas, é muito bonitinho... apresentação de escolinha de esportes, porque tem escolinha de esportes em todos os bairros de Araraquara, isso também é muito bem estruturado. E aí a gente acaba também mostrando para essas pessoas, disciplinando, então tem aula de ritmos, aula de... é para os adultos, para as crianças, e a gente vai se aproximando da população, é o momento de a gente conversar com a população daquela região... A gente vai na saída da escola, leva o panfleto, conversa com as crianças, conversa com os pais, também manda nos grupos que a gente cria nas nossas redes. Então isso eu acredito que ajuda no OP, porque é uma forma de sempre estar em contato, e também deles cobrarem a gente e a gente poder convidar eles. É uma exposição sem fim, né?

Entrevistador

- Sim.

A1

- É um governo que acredita na participação popular de forma muito forte. Eu até acho que falei isso na conferência [de abertura do OP 2024], que a pessoa que eu conheço que mais acredita na participação popular no mundo é o Edinho. Ele tem muito essa questão, né? Então, e ele sempre fala que o povo não tá errado, e a gente... se fala que tem um buraco lá, a pessoa não vai inventar tem um buraco lá, a gente... ter esse diálogo é muito importante, é muito relevante, e acho que o orçamento participativo, ou a Prefeitura nos Bairros, a forma como a gente trabalha. Que nem como o A4 que eu falei para você, ele tem as regiões [do OP] que ele é responsável, mas por exemplo, até o departamento de água, quando vai fazer uma coisa, um assentamento, ele liga aqui e pergunta "o A4 pode ir com a gente?", porque ele

conhece as pessoas. Uma questão familiar, as pessoas... acontece, sei lá, um vazamento de água num bairro periférico, o pessoal manda para a gente, às vezes tem dificuldade de ligar para o departamento de água.

Entrevistador

- Sim. O que tá no contato mesmo do dia a dia é a [coordenadoria de] participação.

A1

- Exatamente. Então, sabe quem é, sabe. Então é diferente, sabe? Manda às vezes até a foto, endereço, a gente encaminha no WhatsApp, não precisa ser "nossa", uma coisa tão burocrática. Lógico, tem coisa que é importante, você pode abrir um sistema, abrir um protocolo, tudo mais. Mas tem coisa que você fala "Olha, essa senhorinha tá com dificuldade", então é uma atenção que você dá muito mais forte para as pessoas.

Entrevistador

- Perfeito.

A1

- E existem perfis muito diferentes, né? Então ter pessoas que são, digamos assim, mais focadas em cada região ajuda muito, ajuda demais.

Entrevistador

- E dentro desse contexto do trabalho na secretaria e com o OP, de maneira mais ampla, não só com o OP... Principalmente, mas não só. Quais são os maiores desafios e dificuldades que você tem visto?

A1

- Eu acho que o próprio presidencialismo de coalizão é uma grande questão. As pessoas às vezes acham que tanto a participação popular quanto o OP estão disponíveis para um lado só dessa questão da própria briga política, e isso não tem nada a ver. É uma grande questão. A segunda questão também é um pouco da gente formar um debate qualificado, e eu também acho que é um pouco de responsabilidade nossa explicar para as pessoas que existe todo um processo a respeito da formação da obra e tudo mais. Então, nossos conselheiros do COP, por exemplo, escutam isso todas as horas. A população precisa escutar um pouquinho isso também. [Que] vai passar no conselho do orçamento participativo, que depois vai entrar na lei do outro ano, que tem que fazer o projeto, tem que fazer o orçamento, que tem um processo licitatório, que tem que conseguir a verba... Então assim, falta às vezes qualificar algumas questões no debate, mas aí é um erro nosso, talvez. Mas é algo que a gente está querendo trabalhar de uma forma mais intensa também. Trazer as pessoas para discutir o OP é um pouco disso. É difícil, mas em alguns casos a gente fala assim, "Olha, fazer o OP a cada dois anos, o que vocês acham?" Eles pensam só nas obras, assim, de forma mais...

Entrevistador

- [O cidadão] vai achar que vai ter menos obra porque vai ser bianual.

A1

- É, e na verdade no fim eu acho que não vai mudar, porque às vezes eles [departamento de obras] fazem a segunda [prioridade], a terceira, enfim. O problema é o planejamento disso, a promessa disso. Eu acho que a maior propaganda do OP é a obra entregue. Então, principalmente bairros... sei lá, Zona Norte, tem alguns bairros específicos que a gente olha e vê... O A4, eu queria muito que você entrevistasse o A4, ele vai te...

Entrevistador

- Se possível, eu quero entrevistar ele também.

A1

- Não, ele é um maravilhoso. Ele mostra, tem região que ele vê e fala "Olha, isso aqui é OP, isso aqui é OP, isso aqui é OP, isso aqui é OP". Ele está aqui desde 2017, ininterruptamente. Assim, tem bairros inteiros que essa descentralização aconteceu, mas eu acho que os desafios são fazer com que as pessoas utilizem do direito delas, porque às vezes ela pensa "Ah, eu não vou, não, não vai adiantar nada". Do mesmo jeito que tem gente que super acredita porque viu acontecer e tudo mais. É interiorizado de forma geral, mas eu acho que... e isso é uma opinião bem minha, de todas as questões, principalmente após a pandemia, que tudo teve um momento muito online, a discussão interpessoal às vezes as pessoas ficam assustadas, né? E principalmente questão também de rede social, todo mundo está escondido atrás de um personagem, escreve e calcula e tudo mais. Então essa também é uma grande dificuldade. E entregar tudo, né? Existe um processo burocrático muito grande e a população não entende esse processo, então a gente fica sempre nesse efeito do bonde indo e voltando. População, burocracia, população, burocracia, enfim. São muitas dificuldades e ao mesmo tempo não são tão difíceis de a gente sanar, a gente precisa trabalhar isso de forma geral.

Entrevistador

- Perfeito. Mas o índice de completude dos projetos e das obras aqui é relativamente alto, não é?

A1

- É, mesmo as obras que não estão entregues, elas estão em projeto... Enfim, nenhuma obra no momento eu posso falar "Nossa, essa obra tá parada", porque nenhuma está. Tem algumas, tem uma padaria no assentamento Bela Vista que faz um tempo que ela ganhou, ganhou em uma plenária de mulheres. É uma obra difícil, mas a gente vai... a gente tem que pedir a área para o INCRA, aí você tem que levar um estudo de georreferenciamento... enquanto você tem uma pessoa fazendo isso, tem outra fazendo o projeto, enfim. Mesmo quando às vezes a população olha e fala "Ninguém tá fazendo nada", mas tá.

Nenhuma obra do OP, se você ver, tá parada ou tá de olhos fechados. Todas as reuniões de obra a gente faz as obras, né, de forma geral, mas a gente passa por todas as obras que são do OP que estão em andamento, sem exceção.

Entrevistador

- Perfeito. Porque tem essa particularidade também de vocês terem os assentamentos envolvidos no orçamento participativo, né?

A1

- Tem.

Entrevistador

- É, para mim, assim, eu não conheço nenhum outro caso além de Araraquara que faz isso. Pode ser ignorância minha, mas eu não conheço.

A1

- Não, é. Eu nunca vi em um lugar nenhum do mundo um assentamento que ganhou pavimentação. E tem pavimentação na Bela Vista. Então, acho que deve ter para terminar essa obra, foi uma obra bem complexa, porque tem os mananciais e tal, a gente não podia colocar a pavimentação comum. Então foi um processo de drenagem mais elaborado, são bloquetes ecológicos, não é pavimentação igual a gente tá acostumado. Enfim, é um processo... eles querem mais, né, eles falam que vão entrar nos próximos OPs com a proposta de aumentar o território de abrangência dessa pavimentação... são fases, né? A gente não consegue fazer um grande milagre para pavimentar um assentamento inteiro. Mas, enfim, é o que a população pediu. Você vai estar aqui sexta? - **Sexta?** - É. - **No dia 24?** - Não, sexta agora é dia... 21, não? - **Não vou.** - É que a gente vai lá no Bela Vista. Mas qualquer coisa, dia 24. Você vem dia 24 e volta?

Entrevistador

- Eu venho 23 e volto 25, porque eu venho para ver a plenária final.

A1

- A plenária final, né? Eu vou ver se a gente consegue algum momento, de repente ir com alguém para lá. - **Seria legal.** - Que é uma realidade que... a gente fala de sexta-feira, porque sexta-feira a gente vai dar ordem de serviço na unidade de saúde do Bela Vista.

Entrevistador

- Ah tá. É, eu não consegui recursos para ficar tudo esses dias consecutivos. Eu tenho que bater e voltar. Vai sair mais barato que ficar todos os dias seguidos.

A1

- Estudante, né? Pesquisador, né? É uma coisa tão importante. Eu falo isso, às vezes a gente...

Entrevistador

- A questão do recurso faz muita diferença, sim. - **Muito. Muito.** - Mas deixa eu te perguntar, assim, porque depois eu vou entrar em perguntas mais específicas sobre o OP e o desenho institucional do OP. Mas uma coisa que é relevante para mim e para a gente do grupo de pesquisa é também elementos que são mais urbanos e gerais, no caso de Araraquara. E, assim, falando sobre a cidade? Consegue fazer uma avaliação geral das mudanças urbanas que ocorreram na Araraquara nos últimos 10, 15 anos?

A1

- Olha, de forma geral eu vejo que há uma descentralização de serviços muito grande. Eu não sei te dizer exatamente o número de postos de saúde, por exemplo, mas nossa ex-secretária de saúde até falou recentemente sobre essa quantidade de postos de saúde que aumentaram. O que a gente fala Centro de Educação e Recreação, CER, creches, que aumentou muito. Tem equipamentos também que a gente vê... essa descentralização eu acho ela muito relevante. E na minha ótica...

Entrevistador

- Em direção à periferia, no caso.

A1

- Exato, em direção à periferia. Para mim, ela acontece muito por conta do orçamento participativo, não dá para desassociar, assim. Os bairros nossos, que nem o Ipirás, que ganhou no último OP, ganhou uma nova unidade de saúde. Em segundo lugar, era uma nova creche. Eles ganharam os dois. A gente vai dar ordem de serviço para a construção da unidade de saúde e a creche já até começou. Ficou em segundo lugar a creche, mas a gente conseguiu a creche antes. E eu acho que isso só é possível por conta disso. E todos os lugares que você vai tem equipamentos que atendem a população e são referência também na parte de informação, tem aquela questão de gestão comunitária mesmo. Eu falo de unidade de saúde porque a gente tem uma coisa bem forte em conselhos gestores também, que também é participação popular, né? A gente tem 28 conselhos gestores e a gente vai nessas reuniões dos conselhos gestores. E os que não são implantados a gente força também para que não fica para trás. Então, eu acho que há muito essa descentralização, que a cidade cresceu muito, que a cidade cresceu muito em direção à zona norte naturalmente, que era bem mais desassistida e que o OP cresceu muito. E hoje eu sinto que... para cá [direção ao centro], aqui mais ou menos, deixa eu pensar... aqui é a Via Expressa, que é a rua central aqui, você deve ter passado por lá para chegar, mas é uma rua que liga a cidade inteira de alguma maneira. A gente teve muito crescimento para região do norte, para a região sul também de alguma maneira, porque era a parte mais periférica da cidade. E antigamente era [o] oeste, era mais socialmente, digamos assim, uma classe mais alta. - **Alta renda?** - Alta renda. E aqui, daqui para cá na Vila Xavier, a gente [incompreensível] que eles eram os "separatistas".

Entrevistador

- Lá do leste, no caso.

A1

- É, o leste. Hoje em dia essa parte se desenvolveu muito. Na verdade, isso até antes de 10 anos atrás. Em 10 anos atrás, eu acho que ela [Araraquara] cresceu mais para norte e para o sul. E aí trouxe outras questões., vê que essa região aqui tem mais CRAS [Centro de Referência de Assistência Social], aqui [aponta no mapa] também tem mais CRAS. Aqui tem bem menos população. - **No oeste? Tá.** - É, por isso que eu falei até que é a nossa conferência mais difícil, porque existe uma questão social... muitos idosos, onde a faixa etária é mais complicada. Aqui também por causa do shopping, etc., está crescendo um pouco para cá. Mas eu acho que o desafio era habitar essa área da cidade [leste]. Tanto até que fizeram a UNESP para cá em 1988, mais ou menos. Acho que a ideia era trazer a cidade um pouco mais para cá, porque a cidade crescia muito de assim [norte-sul]. Hoje eu acho até que ela tá mais ou menos distribuída.

Entrevistador

- É, tá relativamente... O sul parece que tá menos ocupado, né?

A1

- É. Mas é que aqui no meio passa a rodovia de Ribeirão [Preto], a 255, Antonio Machado Santana. E também tem uma divisão da Washington Luís, em algum lugar... Aqui ó, rodovia Washington Luís. Que aí, assim, a ideia é que essa região não passe para cá, né? Que aí fica cada vez mais distante, questão de transporte, enfim.

Entrevistador

- Eu ia te perguntar, porque tem uma das principais coisas que a gente identificou nesse período que você citou, e acho que tá aparecendo também em Araraquara, são novas formas de morar. E normalmente associadas com conjunto habitacional, verticalização, né? Mais prédios, loteamentos, condomínio fechado. - **Sim.** - E como isso vem aparecendo em Araraquara? Esse tipo de...

A1

- Eu acho que vem aparecendo muito. - **É?** - É, tem muitos acertos e muitos erros, né? Eu vejo que essa área aqui que eu falo que é do shopping, vem crescendo muito, tem muitos condomínios verticais. E agora eles estão colocando alguns condomínios também horizontais atrás do shopping, e tudo mais. Isso vem se juntando, né? Mesmo sendo realidades muito distintas, eu adoro essa mistura de realidades. Mas tem alguns erros que eu considero também da verticalização, que é o programa Minha Casa, Minha Vida. Por exemplo, a gente tem um caso aqui que é bem complicado em Araraquara, que tiveram até que derrubar o portão, assim, e ter que criar um equipamento municipal dentro do conjunto habitacional.

Tem 264 casas, 12 pessoas, se eu não me engano, são pessoas que pagaram pelo empreendimento, 50 famílias, o resto tem toda uma questão... tráfico de drogas, enfim.

Entrevistador

- Em que parte da cidade que é?

A1

- É na região sul, se não me engano. - **No sul, tá.** - Peraí, que já te falo. Residencial dos Oitis, região 9, sub 1.

Entrevistador

- Certo. E é Minha Casa, Minha Vida?

A1

- É Minha Casa, Minha Vida, é um conjunto habitacional vertical. E aí a gente vê várias questões, mas a gente tem feito um atendimento, que também é parte da participação popular, né? A gente vai lá, pega as demandas, pede... A mínima coisa que você faz de cortar árvore, cortar o mato, já traz um pouquinho mais de qualidade. O quiosque que tem lá, levam oficinas culturais, levam questões de esporte, enfim. Mas os condomínios têm tomado em volta da cidade, as pessoas não querem morar perto do barulho, né? Na região norte também tinha alguns, mas é indo mais para Bueno [de Andrade, distrito]. Mas nessa questão, assim, acho que nessa parte... parte do Vale Verde, etc., que é a região norte, eles foram construídos... É o bairro que nasceu de um loteamento, se não me engano era Minha Casa, Minha Vida, mas era horizontal. Então você vê que tem uma outra perspectiva já.

Entrevistador

- É, o Renato comentou comigo quando a gente fez a nossa primeira reunião, que inclusive essa região, a norte, a área vermelhada ali, tem uma certa diferença de renda significativa e de estilos de moradia também, por causa dos condomínios e tal, e umas áreas mais antigas.

A1

- Sim, tem uns condomínios muito ricos e hoje em dia tem regiões de Araraquara que são só condomínios. Se você entrar... tanto os horizontais quanto os verticais, às vezes eles são um de frente para o outro, você vê que, assim, muito diferentes...

Entrevistador

- Muito muro, assim?

A1

- É, muito muro, assim, eu sou uma pessoa que foi criada... eu sou criada... eu sou região 4, nasci no mesmo lugar. Eu moro a três minutos do trabalho. Se eu precisar vir a pé, que já aconteceu, é uma coisa que eu não vou demorar muito mais que, sei lá, meia hora para estar aqui, com muita preguiça. E... eu sou uma pedestre, né, porque o centro da cidade é região 5, eu moro aqui [região 4], que é uma região muito antiga, minha mãe mora na mesma casa desde 1967, então os vizinhos são os mesmos, a gente tem... é uma realidade social bem distinta, inclusive. - **Sim.** - E porque, enfim, a gente tem um grupo [de Whatsapp] do bairro e são as mesmas pessoas. Eu vivi a vida inteira a pé, então para mim é muito doido o jeito que, sei lá, na região 2, por aqui, já é norte também, uma boa parte... a quantidade de condomínio que tem fora das vias principais, e só muro, pensar que, sei lá, também é um ambiente perigoso, né, porque se você gritar, é muro de um lado, muro do outro... e as pessoas, sei lá, elas querem viver longe dos barulhos e etc., mas...

Entrevistador

- É, e então, queria te perguntar qual é a tua opinião pessoal sobre condomínios fechados?

A1

- Assim, eu entendo a existência deles, porque existe essa necessidade de segregação que as pessoas têm, mas eu penso que, funcionalmente, eles são questões de segurança, porque para dentro é mais seguro, mas para fora é muito mais inseguro nessa questão de ser só muro. "Ah, mas tem câmera", tem câmera, depois que aconteceu, né? Acaba criando esses isolamentos de ruas inteiras. Acho que também coíbe um pouco a interação, acho que na questão da formação de crianças e, enfim, de maneira geral, fica muito restrito a uma bolha, então existe essa dificuldade de interação de realidades. Enfim, eu entendo por que eles existem, mas eu não sei se eu, pessoalmente, também me adaptaria, mas para quem mora, com certeza tem uma segurança maior para quem está lá dentro, quem não tem necessidade de andar ali [no entorno]. Mas, de repente, a pessoa que trabalha numa casa que é um condomínio, ela vai sair, ela vai caminhar até chegar a um ponto de ônibus, enfim, então eu acho que gera muitas questões.

Entrevistador

- Justo. E a pauta da segurança aparece muito no OP, da parte da população?

A1

- Aparece na participação popular, às vezes, mas no OP eu não me lembro de nenhuma obra da segurança, nenhum programa da segurança para ser mais específico. Nos prefeituras nos bairros tem, então até que tem um programa que chama Câmara Cidadã, que as pessoas podem cadastrar as câmeras delas nos... para a própria Guarda Municipal ajudar a monitorar, então eu percebi que eles tentaram fazer essa inclusão também para o prefeitura nos bairros para chegar a mais territórios possíveis. E eles falam, às vezes, "ai, queria ter uma delegacia aqui", mas, assim, é algo que foge um pouco da nossa

realidade, porque uma delegacia não é nem municipal, não é algo que a gente consiga evidentemente controlar.

Entrevistador

- É porque eu acho curioso que quando eu acompanhei, por exemplo, as reuniões em Maringá, uma pauta que aparecia muitas vezes nos debates do Orçamento Cidadão, eram questões envolvidas em segurança, só que a gente tá falando de uma das cidades médias mais seguras do país. Maringá. Isso eu achei curioso, porque às vezes a questão da segurança advém de as pessoas verem os programas [de televisão] sobre o que tá acontecendo em São Paulo e no Rio, e achar que na sua rua vai acontecer a mesma coisa que acontece nas grandes metrópoles, vamos dizer assim, né?

A1

- É, com certeza. E Araraquara foi uma das cidades mais seguras também, não sei dizer qual que é a posição, mas teve essa... tivemos essa sorte, que eles fazem por número de homicídios, aqueles fatores, né, aquele estudo que... - **Um índice, assim, né?** - Isso, é um índice. Mas eu não me sinto insegura em Araraquara, porque tem coisas que é o seu sentimento de segurança também, né? Eu não me sinto insegura. Eu sou uma pessoa que se eu for para São Paulo, para o Rio de Janeiro, eu sou a primeira pessoa a ser roubada, andar com o celular na mão. Eu tenho péssimos hábitos em relação a isso. Nunca... Nunca fui roubada, minha casa nunca também. E lá a parte de onde eu moro tem toda uma questão também de pessoas em situação de rua, mas nunca entraram na minha casa. E na frente da minha casa tem um depósito de recicláveis, que também aumenta muito a circulação de pessoas em situação de rua e de vulnerabilidade social, que acaba sendo estereótipo que a sociedade coloca nessa pessoa que vai... enfim. Nunca me senti insegura ali e nunca aconteceu nada com a minha casa. - **Interessante.** - E nem nos meus vizinhos.

Entrevistador

- Sim, sim. E habitação é uma pauta presente na participação popular, no OP, enfim?

A1

- Na participação popular é. Todas as vezes que falam "aí, nossa, vai liberar as casas" e tal, o pessoal vem aqui muito, por ser esse canal com a população. Às vezes as pessoas mandam mensagem "pelo amor de Deus, me fala como é que eu faço". Mas no OP em si, eu nunca vi nenhuma proposta relacionada a isso. É mais a questão de assim, vem o conjunto habitacional, vem o programa, muitas vezes federal, estadual, e aí logo em seguida...

Entrevistador

- Se fazem obras associadas com esse conjunto.

A1

- É, porque acaba precisando do posto de saúde, da creche, da escola, enfim. - **Do pavimento, calçada...**
- Exato, então tem todas essas questões que são importantes, né? Tem gente, tem que criar equipamentos para atender as pessoas.

Entrevistador

- Perfeito. E você comentou bastante sobre como que é a descentralização dos investimentos públicos, mudou um pouco a cara da urbanização aqui, e ao mesmo tempo falou dos condomínios e tal. Então tem dois vetores aí, né? O vetor público e o vetor privado. - **Sim.** - E qual que você acha que tem mais força aqui na cidade?

A1

- Você diz... - **De transformação.** - Na habitação mesmo? - **É, na habitação, na urbanização.** - Hoje na habitação eu acho que o setor privado. Tem muitas empresas... Acho que por causa do Minha Casa, Minha Vida, muitas empresas enxergaram nesse programa uma oportunidade. Então, jovens que vão para o primeiro apartamento, esse tipo de investimento, a gente tem algumas empresas aqui. A própria MRV, né? Que foi a primeira que explodiu em relação a isso. A Vita, a ADN, que souberam muito utilizar esse programam. Então a gente tem muitos conjuntos habitacionais... a região lá que o Renato estava falando, você falou da região... - **Norte, né? A vermelha.** - É, tem bastante, muitos empreendimentos deles, seguidos assim. Então acabou movimentando bastante. Se eu não me enganar...

Entrevistador

- Uma coisa que me chamou muito a atenção quando eu vim aqui a primeira vez, eu fiquei num Airbnb, bem perto do Parque Infantil, um prédio alto lá. E tinha umas revistas, assim, e uma das revistas era da Associação Comercial Local, e tinha... A primeira página era uma propaganda de um "Minha Casa e Minha Vida Premium". - **É, tem, tem.** - Aqui em Araraquara. E eu achei isso muito... particular, assim, muito engraçado.

A1

- Sim, e essas empresas, elas têm outras empresas que a gente sabe que são mais ou menos as mesmas pessoas, só que com outras caras, outros perfis também. Então, de repente, tem uma faixa econômica para um grupo, outra faixa econômica para outro, outra faixa econômica pra outro. E entre a classe A e a mais baixa, tem o "Minha Casa e Minha Vida Premium". É isso mesmo. É exatamente essa... - **Interessante.** - Essa expressão que eles usam, isso ainda existe. São um pouquinho mais glamourosos, né?

Entrevistador

- Sim. É, achei engraçado. Bem, A1, o último bloco eu vou querer falar especificamente do OP. E aí eu queria uma visada mais geral, assim, quando que ele começou aqui em Araraquara, que teve essas duas

fases, ou até três fases, né? Quais foram as mudanças de desenho institucional dele? E como que ele tem funcionado atualmente, essas coisas assim.

A1

- Então, o OP, ele começou... Eu vou até pegar meu negócio da conferência de base para eu não esquecer. O OP entrou, ele começou em Araraquara em 2001, meio que num sonho de participação popular, de entender as demandas, de também poder entender o que era prioridade, né? Uma administração bem diferente do que era anterior. Na minha avaliação, o prefeito anterior era bem voltado à zeladoria, mas no sentido de agradar, sabe? E depois disso, perceberam que "meu, a gente tem muitas questões pra resolver, muita gente que precisa de ajuda, precisa de atenção", então surgiu em 2001, logo no primeiro ano do governo do Edinho. Então, é uma pauta muito dele, e que ele disse sempre que é um modo de governar, né? Que foi sendo aperfeiçoado com o tempo. Então, demorou um pouco para ter 11 regiões, eu não sei exatamente quando que a gente chegou nesse nível. Também tivemos momentos que algumas regiões da cidade, por exemplo, a Chácara Flora, que é um bairro daqui da cidade, já esteve, por exemplo, junto com os assentamentos. Hoje, que ele é mais urbanizado, a gente entende que ele pode competir com a região dele... competir não, estar alocado na região dele; e que os assentamentos e o Bueno de Andrada, que é um distrito, pode estar separado. Durante 8 anos, o OP foi crescendo muito, foi conquistando várias coisas, de pavimentação, questão de saúde e escola, principalmente, é o que até hoje a população mais pede. Hoje em dia eles pedem reforma, operação, aumentar o número de vagas, mas ainda é uma realidade que a gente tem. E foi aí que os bairros periféricos começaram a ter essa estrutura melhor. Quando entra o governo do segundo prefeito, depois de 8 anos, é o governo do Marcelo Barbieri, ele tinha uma visão mais conservadora, as regiões eram bem parecidas, só que tinha um limite orçamentário. Esse limite orçamentário era bem mais baixo que a gente, e que hoje em dia é até difícil avaliar, porque eram valores muito diferentes, né, de tempos em tempos. - **Sim.** - Mas cada região tinha um valor especificado de acordo com a população local, e aí eles iam avaliando o que poderia ser feito de acordo com esse valor. Quando volta o governo Edinho [gestão 2017-2020], isso inclusive era um pedido da população, o A4 também fala muito disso, que eles iam nas regiões, eles [os cidadãos] falavam "você vai trazer o OP como ele era antes?". Então, acho que foi uma das primeiras coisas que o Edinho deve ter feito, que é o que ele acredita mesmo, na ideia de modo de governar mesmo, assim, população que diz. E aí foi para 11 regiões, 6 temáticas e a da cidade, eu falo da cidade diferente porque para mim não é uma plenária...

Entrevistador

- Sim, no caso é uma plenária por região, mais uma plenária por temática, mais a plenária da cidade. É isso, né?

A1

- Isso, são 27 subregiões antes, depois são 11 regionais, 6 temáticas e fecha com plenária da cidade. E às vezes a gente também discute o modelo dele [OP]. Como é hoje? São as 27 subregiões antes. Esses dias

a gente estava conversando, será que não seria mais fácil a gente fazer por região? Dependendo da região, tem duas subregiões, tem uma subregião, né? Faz as subregiões, 3 subregiões, 2 subregiões, uma subregião, depois já faz a regional. Porque essa região já está mobilizada, então pode ser uma alternativa.

Entrevistador

- De mudança no desenho.

A1

- De mudança no desenho, mas essa mudança a gente não está provocando essa discussão a princípio na conferência. Por quê? Porque a ideia é fazer o OP a cada 2 anos, e fazer essa conferência também mais vezes, essa avaliação mais vezes, que seja de 4 em 4 anos, de 2 em 2 anos, enfim, o que quer que seja, mas que a gente possa mexer nas regiões e nas temáticas quando convir, porque é uma questão de estudo. Essa região, por exemplo, a região 11. A região 11 tem uma sub, você vê que já tem uma parte aqui fora do mapa que não estaria contemplada, digamos assim. E tem uma parte aqui que já cresceu. Então, na nossa cabeça, e aí a gente vai ter que se reunir com a SDU, que é o Desenvolvimento Urbano, entender, pegar esse mapa, colocar lá... a gente entende que pode ser que seja interessante a região 11 ter 2 subs agora, dividi-las de uma forma lógica, para a gente poder trabalhar mais as pessoas, enfim, trazer mais, mais pessoas para poder opinar, mais pessoas para trazer propostas, etc. Eu entendo, e todo mundo entende que essa é uma questão muito mais dinâmica do que a própria conferência, a cidade cresce e a gente não sabe para onde, aí não dá para esperar a próxima conferência para mudar uma regional do OP. - **Sim.** - Então tem essa questão, então hoje, como é? São as 27 subs, fazemos as regionais, as seis temáticas e fecha com a da cidade. Nas subs são tirados os temas que vão para a regional. Então vamos supor, pegar a região 1. Região 1 tem duas subs, aí você vai na sub 1, na sub 2 e tira dois temas em cada uma das subs. E aí são apresentadas propostas nas regionais a partir desses temas. Isso é uma outra questão que a gente discute aqui, será que não seria melhor a gente já tirar as propostas que vão? As propostas mesmo, e não os temas? É algo para se pensar. Depois a gente vai para as regionais. As regionais já são deliberativas, já terminamos com as obras e a ordem das obras. As temáticas não têm subs, as pessoas vão lá, levam os projetos delas, geralmente temáticas não tem uma quantidade tão grande de projetos. E depois a gente vai para a da cidade. A da cidade para ser definido qual tema vai ser colocado a obra, é feito uma votação online, que cada cidadão de Araraquara pode votar uma vez, então é um voto por CPF. É um sistema bem legal da Prefeitura que coloca lá para as pessoas decidirem os temas que vão para a final. Então são três temas e vão três temas para a final para ser... a última escolhida foi Bem-estar Animal, mas era Bem-estar Animal, Esporte e Saúde eu acho, que foi na última plenária da cidade. São temas que acabam movimentando muita gente, quem ganhou foi Bem-estar Animal, foi uma plenária muito bonita, tinha muita gente.

Entrevistador

- E aí os investimentos são delimitados a partir das obras escolhidas, é isso? Quanto investimento vai ter por ciclo?

A1

- Não, na verdade hoje não existe limite... - **É, então, ok.** - Hoje não existe limite. Antigamente na gestão que ficou entre os governos do Edinho, era dado um limite de acordo com a população [da região]. No governo do Edinho atualmente não existe limite no valor das obras, as pessoas colocam lá, e isso é uma questão também que traz algumas questões. Por exemplo, tem um bairro aqui de Araraquara que ganhou "pavimentação nesse bairro", as pessoas acham... era um bairro de chácaras, ou seja, inteiro de terra, as pessoas acham que em um ano a gente vai pavimentar o bairro inteiro! São propriedades imensas, e também tem a questão das pessoas que moram mais para cima, tem mais pessoas que moram, só que como tem um rio... para você pavimentar, você tem que começar de baixo pra cima, parece que não assoreia o rio, tem umas questões assim que não estão no meu entendimento. Então não dá para a gente simplesmente lá, falar "não, eu quero que pavimente a rua 1 e a 2", às vezes pra pavimentar a rua 1 e a 2 eu tenho que pavimentar antes a 10 e a 11. E aí a gente tem essa questão... por exemplo, nesse bairro, que a gente questiona que eles falam que eles ganharam o bairro inteiro, só que eles ganharam em 2017, depois eles voltam em 2018, depois eles voltam em 2019, hoje eles questionam "mas a gente ganhou o bairro inteiro", aí eu falo "mas se você ganhou o bairro inteiro, por que você voltou no outro ano?". Você entendeu que era faseado, entendeu que era um processo, mas enfim, a gente sabe como é que é, então são diálogos que essa questão do limite orçamentário vai trazer.

Entrevistador

- E então, os investimentos... qual foi o valor nesse período? Eu lembro que foi passado na conferência...

A1

- 177 milhões de obras entregues... em andamento, ou que serão entregues. - **Desde 2017.** - Desde 2017, para ser mais exata, são R\$ 177.827.926,39 reais.

Entrevistador

- E tu sabes quanto foi, mais ou menos, na primeira gestão da Edinho? Tem essa informação? Porque eu estou com muita dificuldade de achar dados sobre a primeira gestão.

A1

- A gente também tem. A gente também tem. Algumas coisas se perderam, assim. Quando a gente volta em 2017, o A4 vai poder dizer melhor, meio que começa um outro processo de OP, como se fossem processos diferentes, por causa disso. É algo que a gente também gostaria de levantar, uma pergunta que ela é feita repetidas vezes, né? E como antigamente não tinha tanta essa questão também de notícia na internet e tudo mais, era tudo muito novo, a gente não consegue tanta informação, né? Eu juro que se eu conseguir algo sobre isso, eu... que é algo que a gente tem buscado, para a gente também ter

dimensão. Porque o OP aqui é muito grande, muita gente procura a gente para conversar sobre isso. Vai vir uma moça dos Estados Unidos, dia 1º de agosto para cá, que ela veio ano passado, numa plenária do OP da juventude e tudo mais, ela viveu um processo do OP com a gente, e ela estuda o OP no Brasil, em específico Araraquara.

Entrevistador

- Quem é? - **Michelle.** - Michelle?

A1

- Quer ver? Ela falou comigo hoje, o Leonardo mandou. Michelle Alas. Se quiser depois que a gente troque contatos, eu vou conversar com ela amanhã.

Entrevistador

- É porque eu estava lá também, eu estava nos Estados Unidos antes. - **Brown University.** - Ah, da Brown. Acho que... eu não sei se falei com ela já, talvez, talvez, não tenho certeza. Mas, ok.

A1

- Que às vezes é legal trocar essas informações, né? - **Sim, com certeza.** - E se a gente conseguir algo de 2001 a 2008, é algo que a gente tem... é uma busca também, muita coisa se perdeu.

Entrevistador

- É, isso é uma norma que eu tenho visto muito na minha pesquisa, esse problema realmente da memória institucional. - **Não tem.** - Eu vou entrar nisso um pouquinho depois.

A1

- Tanto é que uma das nossas questões é... para depois, agora começando esse pleito eleitoral, é organizar nossas coisas, independente do que acontecer, se for continuar ou... Se der uma continuidade ao governo atual, se for trocar a administração, que a gente deixe tudo organizado, planilhado, resolvido, dividido por regiões, dividido por anos, enfim, um milhão de divisões diferentes, escanear as atas, que a gente tem todas as atas ali, mas a gente escaneia conforme a necessidade. Na verdade, acho que todas já estão escaneadas, é que a gente vai testando, sabe? "Vê se as daqui já foi". Na verdade, fazer esse checklist, sabe? Ver se está tudo certinho, que se pegar fogo aqui, a gente vai ter o nosso drive, vai ter essa memória institucional. Isso é muito importante.

Entrevistador

- E como que tu tem visto a participação? A quantidade e a qualidade da participação nas plenárias? - **Nas plenárias?** - É, e nas conferências, enfim.

A1

- Nas conferências, eu vejo que as pessoas que vão são mais interessadas. Eu gostaria que mais pessoas fossem interessadas, mais quantidade não é qualidade, né? Então é um processo que se estende muito. Na atual, na conferência de participação popular, tem me surpreendido muito. Teve conferências territoriais que têm o que uma conferência de outro tema tem, de forma geral, assim, sabe? Um tema específico, dá, às vezes, 40 pessoas, 50 pessoas. A gente conseguiu que regiões se movimentassem dessa maneira. Então, a gente ficou muito feliz. Às vezes, nem todo mundo assina a lista de presença, nem todo mundo se manifesta, mas todo mundo vai lá, as vezes conversa, a gente se escuta. A pessoa se sente importante também, o que para nós é muito importante, criar esses vínculos. Mas tenho visto de maneira muito positiva na conferência de participação popular. Mas a gente está indo até os territórios. Então, isso é uma questão de tem me pegado, de forma geral. Tá, a gente vai até o território, então, para a pessoa facilita. Eu vejo as dificuldades de trazer para outros temas. Mas acho que a questão tecnológica afastou muitas pessoas do diálogo, isso é uma questão que me pega muito. Mas no orçamento participativo, em especial, eu acho que a gente teve o maior orçamento participativo da história, no último. - **2023?** - É. Porque as pessoas entendem a importância e o quão... elas vão lá atrás do objetivo delas. Então, vão mobilizações. É muito bonito quando as pessoas... uma obra abre mão em prol da outra, enfim. Então, acaba trazendo muitas coisas bonitas, muitas histórias bonitas. Às vezes uma abre mão esse ano, outro ano a que foi votada por quem abriu mão, se ajuda a mobilizar a próxima obra. Então, vai crescendo. E, conforme as obras vão sendo entregues, também as pessoas vão vir. Então, eu acho que por ser uma conquista, eu acho que vem crescendo e as pessoas vêm entendendo, vêm aprendendo mais. Uma boa parte da população mais jovem, às vezes, está mais politizada, embora a questão da tecnologia nos afaste, eu vejo que sabe mais sobre o orçamento participativo, porque estudou numa escola que foi feita pelo orçamento participativo, ou numa escola que foi reformada pelo orçamento participativo. Então, já tem... Já tem história, acaba sendo mais fácil. Hoje em dia as pessoas sabem o que é o orçamento participativo. Então, eu acho que isso cresce muito nas plenárias.

Entrevistador

- E você vê que as plenárias e as [conferências] territoriais geram uma integração entre as pessoas de diferentes partes da cidade?

A1

- Acho! Acho que nos territórios em si, né? As pessoas são... É, para a própria mobilização acontecer... Porque, por mais que a gente faça todo o aviso, "olha, vai ter a plenária", e as vezes têm pessoas que vão sem uma proposta para chamar de sua..., mas, por exemplo, quando tem uma escola, a própria escola ajuda nessa mobilização, fala para ir lá votar na escola. Postos de saúde, fala para os usuários irem lá votar. Então, acaba gerando uma interação na comunidade, é que nem torcida de futebol, né? É bem... é um comportamento bem parecido.

Entrevistador

- E você comentou sobre a questão das territoriais e tal, como que esse desenho foi feito? Da divisão entre as regiões e... Isso foi definido com a população ou é definido pelos técnicos? Como que é feito?

A1

- Eu acho que é assim, de maneira geral é todo feito pela prefeitura, os técnicos, conforme vão crescendo as regiões e tudo mais. Esse mapa também tem muito, muito... pelo que eu vejo, muitas considerações da própria galera do orçamento participativo. Como eles estão nessas regiões, eles conseguem ver, né? Essa movimentação, onde se integra, onde não se integra mais, onde vem para cá, onde vem para lá. A gente discute isso frequentemente. Que aqui [aponta no mapa], por exemplo, poderia vir para cá, que é uma área mais comercial, tem menos casas. Pegar essa parte aqui e colocar aqui. Aqui [aponta em outra área] eu já falei, que a gente queria, como cresceu, dividir em duas subes, porque uma sub também é ruim... porque você vai fazer uma sub e depois você vai para a regional, depois de um monte de regional, você volta lá. Então, assim, tem uma mobilização duas vezes igual, né? Então, eu acho que tem muito essa questão também na realidade. E é dinâmico.

Entrevistador

- Sim. E, claro, isso tem uma relação direta com os investimentos e com os projetos, né? - **Sim.** - E eu queria saber, da tua opinião, quem mais se beneficia dos investimentos do OP?

A1

- Eu acho que é a população que realmente precisa do Estado. É uma questão bem, bem latente para mim. Eu vejo que, principalmente estando no OP, que a gente vai... Quem tá em todos os lugares, é o OP. Mesmo a saúde está em todos os lugares, a educação está em todos os lugares, mas a impressão que eu tenho é que cada agente das outras pastas tem a realidade do seu território. Lógico que o secretário, de forma geral, não tem nenhum território inteiro, acho que a equipe inteira tem o território inteiro. Então, é uma discussão diferente do que a gente vê [no OP]. Então, assim, o que a gente vê? Que têm locais que precisam do Estado para tudo. Tem comunidades que a inserção do Estado é necessária de todas as maneiras, né? Educação, na saúde, na assistência, enfim, de todas as maneiras. Eu acho que quem se beneficia do projeto, de forma geral, é a população que mais precisa dos equipamentos, e isso é inegável. E outra população que vem crescendo muito, também, no meu ponto de vista, são os idosos. Porque a gente tem o centro DIA... é uma expressão horrorosa, dizer uma 'creche de idosos', mas é um centro para eles passarem a manhã e à tarde e ficar, enfim. Então, esse tipo de demanda tem crescido também. Então, são famílias que, às vezes, não têm renda suficiente para bancar uma pessoa idosa, mas também não é sobre um asilo nem nada, é sobre o tempo que as pessoas estão trabalhando, esses idosos serem assistidos. Então, uma casa para passar o tempo, integral. Vem crescendo essa demanda que a gente tem observado. E então, para além disso, a classe trabalhadora em geral... Porque não tem condição, às vezes, de levar para um lugar particular, é muito caro, né? Cuidador, etc., é um funcionário. Você tem que trabalhar pelo menos por dois para pagar um. - **Sim.** - Né? É para você viver e bancar outra pessoa. Então, o perfil da população também tá crescendo. Então, eu vejo que a população mais vulnerável, mais

dependente do Estado e a classe trabalhadora em geral, mesmo sendo classe média, porque tá tudo... algumas coisas são muito difíceis de serem sustentadas.

Entrevistador

- Então, se quem se beneficia mais do OP é a população vulnerável e o trabalhador, você consegue ver que... [interrupção da entrevista]. Se essas populações mais se beneficiam do OP, então dá para dizer que o OP gera inversão de prioridades? Ou seja, inverte a lógica do...

A1

- Ele inverte a lógica de prioridade e do poder. Porque eu acho que se não tivesse o OP, as cidades que não têm OP, como elas funcionam? É um pequeno número de pessoas, secretários, vereadores, enfim. Pessoas que são autoridades e muitas delas, por força política, da própria construção da sociedade... Nem todas elas são pessoas que viveram realidades que necessitam de tanta ajuda, e são elas que decidem. E no caso do OP, ele inverte a lógica do poder, é uma gestão comunitária. E cada região... E o OP não é só o OP, né? Nunca que seja só, pelo amor de deus, mas não é só sobre obras e programas. O OP faz a cidade inteira se reescutar o tempo todo. Gera participação popular o tempo todo. O que a gente faz aqui com mobilização de eventos e, enfim, busca ativa de demandas, está o tempo todo entrelaçado com o OP. Então inverte a lógica de poder o tempo todo, de prioridade o tempo todo. A gente sabe que se a pessoa tem um buraco na frente da casa dela, se ela conhece um vereador, ela pode pedir para o vereador, pode até ir na câmara pedir. Mas num lugar que tem participação popular, ela pode vir aqui pedir. E ela pede diretamente para o prefeito, a gente abre aqui e eu falo, ó "Fulano de tal pediu para colocar uma placa de proibido estacionar de um lado lá" e aí como que funciona? Vai lá o engenheiro de trânsito e vai a equipe de participação popular fazer uma entrevista com os vizinhos da rua, para saber o que eles pensam também. Porque só a opinião da pessoa, às vezes, não é... a gente vai fazer essa pesquisa. "Ah, é uma rua de mão dupla, vai virar uma mão só." Nós vamos fazer essa pesquisa, enfim. Então eu acho que inverte a lógica do poder em tudo. E dá voz à população em tudo. Existe o que é a conquista do OP, existe a votação, mas a participação popular acontece o ano inteiro. E enquanto a gente tá na região, a gente também vai ter demanda de poda, de buraco, o que quer que seja. Não só na 'Prefeitura nos Bairros', mas na hora que você vai lá mobilizar a região para vir votar. Então, ela que dá esse poder, é uma forma de governar que inverte a lógica do poder.

Entrevistador

- Então você acha que o objetivo do OP de Araraquara é uma justiça territorial?

A1

- Também, é um dos objetivos. É uma justiça territorial, uma justiça social, atender as pessoas que mais precisam, dar voz à população. Justiça de todas as maneiras, né?

Entrevistador

- E está atingindo esse objetivo, você acha?

A1

- Eu acho que sim. É um trabalho difícil. Eu acho que é um trabalho de formiguinha. Às vezes você pensa assim, "ah, 18 obras por ano." Para quem tá na prefeitura, às vezes é muito. Mas para população, às vezes é um... é que são muitos anos de OP. Então, tem muita coisa que foi conseguida, tem muita creche, tem muita escola, tem muito posto de saúde. Agora estão reformando já, agora nem pedem mais novos. A gente tem, acho que um só novo que tá, de pedido agora é mais ampliar, a população ali cresceu e tudo mais. Mas é uma justiça que ao longo dos anos você vê essa diferença, vê a diferença na realidade inteira. No sentido de precisar menos do Estado até, de criar oportunidades. Você cria uma escola, tá gerando de certa maneira estudo. - **Autonomia, né?** - É, das pessoas poderem... muda a realidade social das pessoas ao longo prazo. A educação básica de Araraquara, por exemplo, é surreal de boa. Surreal, assim, as creches são lindíssimas, é um ambiente lúdico, diretores que são muito legais. Hoje você vai em uma, né? Você vai ver que essa escola inclusive é uma das escolas que ganhou o OP ano passado. Mas é uma escola que tem uma estrutura super bonitinha, super linda, sabe? A nossa secretária de educação é super engajada. Então ter essa educação de qualidade básica perto de você, muda a realidade social um milhão de anos. Não tem nem o que comparar, né? Acho que a única maneira, na verdade, de fazer justiça social ao longo prazo é investir em educação de todas as maneiras.

Entrevistador

- Perfeito. E só duas perguntas mais pontuais...

A1

- Diga. Eu sou prolixa, né? Você quer me xingar?

Entrevistador

- Nem um pouco, nem um pouco [risos]. Para mim é ótimo. Só para saber, você comentou um pouco da relação do OP com as secretarias e com a Prefeitura nos Bairros. Então o OP é conectado com outros processos de gestão urbana no município? Ou é só dentro da secretaria?

A1

- A gente é conectado, em processo de gestão urbana, das mais diversas formas. Primeiro dando muitos feedbacks para a população, porque mesmo que não é OP a gente conversa. Por exemplo, às vezes vem a emenda de um deputado para fazer uma praça, sei lá, de forma bem... isso já aconteceu, mas enfim. A gente vai lá na comunidade ver, conversa, ver o local. Então assim, nada é muito feito sem conversar antes com a população, assim. Não tem... é um modo que a gente acaba sendo envolvido em quase todos os processos. Mesmo quando depois que a obra vai acontecer, por exemplo, acho que amanhã tem uma ordem de serviço à tarde. A gente vai lá na comunidade, conversa com as pessoas, fala com as pessoas, porque vai mudar a realidade daquelas pessoas ali. Mas acho que na questão da urbanização mesmo

tem mais a ver com entender a opinião da população mesmo quando não é exatamente o OP. Por que precisa ter essa apropriação da cidade, né? Agora a gente vai reformar a via expressa. Não sei se você viu essa reforma, maior obra de saneamento. Maior obra de saneamento, maior obra da história da cidade, R\$ 143 milhões. - **Ah sim, foi anunciado na conferência.** - Por mais que a gente... não é uma obra do OP naturalmente [risos], mas a gente foi incluído nesse processo de alguma maneira. Então, assim, vão ter quatro lagoas. Então quando essas lagoas começarem a gente vai ter que ir até essas comunidades, explicar... ter uma apropriação também daquele território, senão fica uma praça vazia, fica um local sem... sem aquele pertencimento mesmo. Para as pessoas irem lá, entender que é um meio que eles vão poder se manifestar culturalmente, de repente a longo prazo, vão reformando, vão colocar uma quadra, vão colocar uma academia ao ar livre, colocar outros equipamentos dentro de equipamentos, né? Para as pessoas poderem utilizar, praticar esporte e ter outras realidades. E isso o OP traz muito, de formas diversas, e mesmo que não seja a prioridade, mas abre muitos olhos e mostra muitas coisas. O teatro municipal, a pista de atletismo, foram obras muito grandes que não foram eleitas como prioridade, mas a gente fala "é OP, isso foi uma demanda que surgiu no OP". Não foi uma demanda ignorada, sabe? Então... tem disso.

Entrevistador

- E para fechar, tem essa questão que a gente falou sobre a instabilidade, a questão da memória institucional, e teve esse período de governo do PSDB, né? - **PMDB.** - PMDB, que o OP, enfim, mudou de formato. E isso levanta um elemento muito forte do orçamento participativo no Brasil, não só no Brasil, mas muito forte no Brasil, que é a vontade política. - **Sim.** - Com alguém que está por trás do OP. E aí eu queria te perguntar, na tua visão, qual é o papel do Edinho?

A1

- É todo o papel do Edinho, né? Você estava naquela conferência e viu o quanto ele gosta do OP. Eu acho que o Edinho, ele é uma pessoa que teve uma construção de vida simples. E ele, mesmo quanto criador, sempre foi uma pessoa que gosta de estar no meio do povo. Não é uma coisa... não é um personagem, né? Porque a gente sabe que tem muitos políticos que são... não é uma questão de personagens. Não, ele gosta. Ele gosta dessa troca, ele gosta dessa conversa, ele gosta que tenha população, ele gosta de conversar. Ele tem até um programa que chama "Café com o Prefeito", que se você tem uma demanda... é que demora um pouco, mas assim, às vezes ele consegue receber alguém, pautas, etc. Então ele gosta de gente, ele gosta de receber as pessoas. Ele entende, enfim, ele até usou um exemplo outro dia sobre uma escola, que eu falava com a [secretaria de] educação, a educação falava "não tem demanda nessa região". Mas a população pediu, pediu, pediu, ele foi lá e fez e viu que realmente precisava, não tinha demanda porque não tinha escola. Mas não é que a população não sabe falar, é que a gente tem que saber escutar, tem que dar oportunidade de ser falado. Então, para mim, o papel do Edinho nisso é crucial, é crucial, sim. Ele fala de forma até visceral sobre o OP, ele gosta muito, tem a maneira dele de governar, ele escuta muito, ele leva muito em consideração, você vê que ele presta muito... ele sempre presta muito atenção no que a população fala em geral. E acho que o OP é a forma mais, sei lá, genuína, de você juntar

o maior número de pessoas para entender o que as pessoas querem, e entre o que as pessoas querem, o que é uma prioridade agora, mas tudo aquilo é importante. Então, para mim, o Edinho, ele é o cara da participação popular. Desconheço pessoas que acreditem tanto nisso quanto ele. Construção dele de vida, construção dele de política, é assim... Tem hora que eu olho e falo assim "meu Deus do céu, isso expõe muito a gente também". E ele fala "não, vai", e você vê que ele tá certo. Que nem a própria conferência de participação popular. - **Sim.** - Quando a gente mudou de sala de um lado para o outro, muita gente olhando assim "meu Deus do céu, vai dar tudo errado", porque aquela sala cabe 900 pessoas, 950. Se você coloca 300 pessoas naquela sala menor que cabe 250, não fica tão ruim. Mas assim, eu falei "não, gente, a gente quer que todo mundo esteja acomodado, que todo mundo esteja bem, que todo mundo esteja enxergando, que todo mundo esteja bem... enfim, que consiga participar, consiga enxergar, consiga entender, consiga ver". Então assim, ele muitas vezes ele falava "não, essa vai ser maior a conferência", e eu falava "meu deus do céu, pressão". Não, ele sabe o que ele tá falando, porque ele governa assim faz mais de 20 anos. Então ele sabe, ele entende que a população quer ser ouvida, e ela se sente importante sendo ouvida. E a gente não precisa ter medo, mesmo que você for para apanhar, a cidade não é perfeita, a gente sabe que não é. Só que se tem um buraco na frente da casa da Dona Maria, a Dona Maria tem que se sentir à vontade para me falar, não como se fosse "meu deus do céu, eu vou ter que ir lá na prefeitura". Eles têm que ajudar a gente a fiscalizar os serviços da prefeitura e entender que a gente tá do lado um do outro. Não o contrário, não tipo "nossa, vou ter que ir naquela...", no sentido negativo, né, "nossa, vou ter que pedir e vai ser ruim". Não, a gente quer que a Dona Maria fale que tem um buraco, senão ninguém vai fechar o buraco na frente da casa da Dona Maria. Então, eles querem ser ouvidos e a gente tem que saber escutar, e é isso que ele sempre diz, é crucial. Ele é o cara da participação popular. - **Perfeito.** - Faça essa pergunta para o A4. - **É, vou fazer, com certeza.**

Entrevistador

- E aí A1, acho que é isso, a gente cobriu todo o roteiro da entrevista, então eu tô bem contente. - **Que bom, ficou feliz.** - Eu agradeço bastante sim, eu agradeço não só em meu nome, mas em nome da UNESP também, a UNESP de Presidente Prudente, e que enfim, a gente é da mesma instituição, querendo ou não, de certa maneira. - **Sim, sim.** - Enfim, vou reiterar o caráter científico de tudo que você falou para mim aqui, deixar claro que eu só vou utilizar no texto, não vou te identificar, inclusive, então assim. - **Tudo bem, sem problemas.** - Tem todo esse processo do uso dos dados e também vou estar à disposição.

A1

- Não, e assim, tudo que você precisar, eu acho que enfim, por mais que as vezes seja numa grande correria a gente está à disposição, tanto eu quanto minha equipe, a gente é apaixonado pelo OP, e acho que dá para perceber, a gente falaria do OP durante 500 horas se precisasse. E depois também, quando você puder compartilhar com a gente as suas conquistas... para a gente, todo o processo de evolução do OP é muito importante, às vezes quando a gente vai para uma conferência, às vezes a gente tem que começar com uma discussão um pouco mais rasa, porque é aquilo que eu falei, falta a gente também

ensinar um pouquinho sobre o orçamento participativo, sobre participação popular para as pessoas, para a gente poder avaliar. Só que, começa rasa, mas às vezes ela se aprofunda muito mais do que a gente imagina, e aí quando a gente tem essa questão da academia e de outros projetos, a gente sabe muito sobre a gente, sobre a nossa realidade, e às vezes a gente pode adaptar outras realidades com a nossa, né. Então para nós é importante demais também o seu trabalho, esses levantamentos e pessoas que estudam para a gente poder ter um OP cada vez melhor, que evolua, que a gente enxergue coisas que às vezes a gente não consegue, sentados aqui com a realidade de Araraquara. Araraquara uma bolha, né, e a gente sabe que é uma bolha. - **É isso.** - É isso. Então, muito bom, muito bom mesmo.

Fim da transcrição